

O sagrado e a violência: o fundamentalismo e sua influência no neopentecostalismo: reflexões e riscos no contexto Religioso Brasileiro

The sacred and the violence: the fundamentalism and its influence in the neopentecostalism: reflections and risks in the Brazilian Religious context

DOI:10.34117/bjdv7n6-292

Recebimento dos originais: 14/05/2021

Aceitação para publicação: 14/06/2021

Luis de Castro Campos Jr

Doutor em História - FCL - Unesp, campus de Assis - SP

Instituição: UENP - Universidade Estadual do Norte do Paraná

Endereço: Rua Duque de Caxias - 39 Assis - SP CEP 19806-110

E-mail: castro@uenp.edu.br

RESUMO

O fundamentalismo cristão tem se firmado com a nova onda conservadora que ganhou espaço no Brasil e em demais partes do mundo. Sua interpretação literal da bíblia sem levar em consideração o contexto histórico de sua produção tem acarretado equívocos e posições radicais frente a um novo momento marcado por maior pluralismo religioso. Nas igrejas neopentecostais observa-se maior ênfase quanto a utilização da bíblia como referencial normativo que associada a tese da batalha espiritual tem se consolidado como fator de elevado risco para a convivência harmoniosa entre as diferentes religiões. Pretende-se refletir sobre a interpretação literal e sua proximidade com a teologia da batalha espiritual além dos riscos da violência resultante de tais interpretações.

Palavras-Chave: Fundamentalismo, Religião, Sociedade, História, Pentecostalismo.

ABSTRACT

The Christian fundamentalism has been established by the new conservative wave nowadays in Brazil and in around the world. Its literal interpretation of the bible without taking into account the historical context of its production has led to misunderstandings and radical positions compared to a new context manifested by greater religious pluralism. In the neopentecostal churches it has been observed greater emphasis on the use of the bible as normative referential associated with the spiritual battle thesis which has been consolidated itself as a raised risk to the harmonious coexistence among the different religions. Thus, it is intended to reflect about the literal interpretation and its proximity with the spiritual battle theology beyond the risks of the violence resulting from such interpretations.

Keywords: Fundamentalism, Religion, Society, History, Pentecostalism.

1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país onde a maioria da população se identifica como cristã. Nos diferentes censos realizados até 2010 quando se indaga a respeito da filiação religiosa o brasileiro acaba seguindo o caminho do cristianismo com um maioria católica em torno de 64,6% enquanto o número de evangélicos foi observado em 22,2% dos habitantes.¹

Já em seu processo de colonização brasileiro o cristianismo assinalou sua marca com a primeira missa rezada logo após a chegada dos portugueses apontando para um universo simbólico católico quanto a sedimentação do domínio metropolitano estabelecendo os próximos passos.

No caso evangélico as invasões francesas e holandesas foram combatidas de forma eficaz pelo colonizador lusitano deixando algumas marcas como as iniciativas de Maurício de Nassau em Pernambuco ou mesmo os franceses no Rio de Janeiro.²

A presença evangélica mesmo só foi sentida no século XIX quando em função de maior abertura a Inglaterra enquanto “nação amiga de Portugal” podia assediar o Brasil com seus produtos resultantes da revolução industrial. Mas havia um problema: os ingleses, filhos da Reforma Anglicana de Henrique VIII necessitavam de espaço para suas celebrações em um país de religião oficial: a católica. Conseguiram negociar com o império uma certa liberdade religiosa.³

O espaço foi aproveitado e mais tarde impulsionados pelo ímpeto da doutrina do “Destino Manifesto” missionários norte-americanos aportavam em terras brasileiras representando várias denominações. Batistas, metodistas e presbiterianos chegavam com novas ideias e uma necessidade imperiosa de converter os brasileiros para o evangelho por meio de várias estratégias. Os metodistas investiram em escolas buscando abrir duas vias para seu projeto: uma via de pregação em seus templos que começavam a surgir e outra apontando para um processo educacional inovador na época com suas escolas, algumas das quais seriam embrionárias de futuras universidades como o caso do Instituto Educacional Piracicabano sob a direção de Martha Watts. Os presbiterianos seguiram

¹ O mesmo censo aponta para 8% o percentual de brasileiros que se declararam sem religião e os espíritas chegaram a 2%. As religiões afro-brasileiras ficaram em torno de 0,3%

² Protestantes franceses (1555 e 1560) e holandeses (1630 e 1654) invadiram o Brasil tentando sua colonização. Além da influência economia e política um trabalho de evangelização foi interrompido com a expulsão dos dois grupos durante o período colonial.

³ Em função do Bloqueio Continental efetuado pela França, a Inglaterra conseguiu maior abertura no Brasil que passaria a categoria de Reino Unido. Em 1808 a família real portuguesa chegava ao país, o que provocaria mudanças importantes. Em 1822 o Brasil conquistava sua independência de Portugal. A partir de 1824 o Brasil tinha uma religião oficial: católica. Após a constituição de 1891 o estado laico ganhou maior espaço.

caminho similar avançando no Rio de Janeiro, São Paulo e no interior paulista na região de Brotas fundando também o colégio Mackenzie na cidade de São Paulo.

No início do século XX novas expressões religiosas alcançaram as terras brasileiras e dois dos principais grupos pentecostais chegavam ocupando regiões diferentes em primeiro momento. A Congregação Cristã no Brasil fundada por Luigi Francescon em 1910 dava seus primeiros passos na capital paulista. A Assembléia de Deus surgia um ano depois sob a égide dos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren na cidade de Belém do Pará.

Diferentes dos primeiros protestantes os pentecostais introduziram um elemento inovador em sua doutrina que seria o batismo do Espírito Santo e o dom de línguas. Enquanto os primeiros protestantes primavam por um preparo teológico com rígida formação intelectual de seus futuros pastores, os pentecostais seguiram o caminho de uma interpretação “mais simples” das escrituras consideradas sagradas e uma formação mais popular. No final do século XX as Assembléias de Deus iriam passar por uma reformulação exigindo melhor formação teológica para suas lideranças em alguns ministérios como o de Belém.

O surgimento de novas vertentes pentecostais aliado ao movimento carismático entre evangélicos e mais tarde entre católicos iria marcar uma guinada no campo religioso brasileiro com a teologia da prosperidade e da batalha espiritual encabeçada por líderes como Neusa Itioka e Valnice Milhomens⁴.

Pretende-se assim compreender como tais elementos característicos das vertentes dos anos 1970 foram sofrendo modificações e se aproximando de uma interpretação mais literal da bíblia, característica do fundamentalismo cristão e seu impacto no campo religioso brasileiro como um todo.

2 O FUNDAMENTALISMO E SUAS INFLUÊNCIAS

O pensamento fundamentalista encontra suas raízes no conservadorismo protestante cuja origem ocorre nos Estados Unidos e Inglaterra no ocaso do século XIX. Século esse rico no advento de várias teorias científicas que apontavam para críticas e transformações importantes na sociedade ocidental.

⁴ Itioka é doutora em missiologia pelo Fuller Theological Seminary seguindo as proposições de Peter Wagner com o desenvolvimento de um ministério de libertação. Milhomens seria líder da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo seguindo a guarda dos sábados similar à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

O desenvolvimento da segunda Revolução Industrial com o uso da eletricidade e motor a explosão e um processo de urbanização acelerado iria produzir novos elementos em um novo contexto histórico: máquinas, multidões e cidades. (BRESCIANI, 1984)

Além disso as reflexões de Karl Marx, Friderich Nietzsche e Sigmund Freud esvaziavam cada vez mais o papel reservado a religião como elemento chave na interpretação da realidade e vida humanas.

Keith Thomas mostrou como o processo de secularização teve um papel decisivo na teologia do século XVI e XVII quando os problemas “terrenos” passaram a ser mais importantes do que os considerados “sobrenaturais”. A secularização ajudou a diminuir a perseguição às bruxas e reduzir a importância de infortúnios cotidianos ao mal. Ao distinguir magia e religião. Thomas concluiu que a magia perdeu espaço entre as mudanças intelectuais em série que provocaram uma revolução científica. (THOMAS, 1991)

O problema é que no século XIX o pensamento conservador ensejou uma reação a todo esse processo, assustado com a maior abertura que a teologia dava ao pensamento crítico e buscou estabelecer novas bases para manter as concepções antigas como formas de interpretação das escrituras.

O conservadorismo apresentou-se como uma estratégia de manter a fidelidade aos chamados ensinamentos bíblicos e no caso protestante significava uma reação às novidades teológicas marcadas pela inserção do liberalismo que conferia ao indivíduo maior autonomia de comportamento e pensamento.

O liberalismo seria “perigoso” porque permitia além da autonomia individual, a possibilidade de interpretação e questionamento, agora mediado pela crítica com auxílio da história abrindo caminhos “tortuosos” à unidade da igreja.

A teoria evolucionista de Charles Darwin provocou impactos importantes já que confrontava toda doutrina da criação, essa baseada nos escritos vetero-testamentários de forma específica no livro de Gênesis. A influência do liberalismo no mundo cristão abria maior possibilidade de diálogo com as ciências da natureza buscando uma aproximação para se compreender melhor a origem do homem. O conservadorismo questionava tal possibilidade.

Um outro campo de luta foi com a chamada teoria das fontes a qual encontrou suas bases na crítica aos livros da bíblia que investigava a autoria dos principais textos

propondo maior especulação sobre a composição dos chamados livros da lei levando em conta várias tradições como javista, eloísta e sacerdotal.⁵

De uma maneira geral a teoria liberal provocava algumas questões importantes como: levar em conta a influência de povos vizinhos na formação do chamado judaísmo primitivo, a aceitação do naturalismo como explicação filosófica do mundo, uma possível deturpação do evangelho de Jesus sob mediação paulina e por fim o emprego de métodos das ciências humanas para estudo da Bíblia e seus manuscritos. (MENDONÇA, VELASQUES FILHO, 1992)

O conservadorismo protestante considerava importante reagir contra o que ele enxergava como ameaça aos valores da civilização cristã uma vez que os novos métodos propostos para o estudo das escrituras eram provenientes de setores do humanismo “considerados estranhos à fé”.

O conservadorismo protestante atacava a teologia liberal e diminuía espaços importantes para uma posição crítica em torno das origens do pensamento cristão e interpretações modernas da bíblia.

No século XIX face a possíveis “questionamentos que o pensamento cristão recebia” o movimento fundamentalista encontrou um terreno fértil para sua reação com a criação da Aliança Evangélica em 1845 estabelecendo elementos basilares importantes para a fé da igreja e buscando maior unidade entre os cristãos oriundos do protestantismo.

Logo depois em 1886 a igreja Episcopal dos Estados Unidos adotava os artigos que propunham o quadrilátero de Lambeth a todos os bispos da comunhão anglicana.⁶

Mas no período compreendido entre 1909 e 1915 foram publicados 12 livretos, que buscavam apresentar a teologia conservadora e suas principais diretrizes. Uma parte de tais obras tinha como base as proposições de James Orr enquanto, que a outra reunia ideias e princípios da escola de Princeton apresentando uma síntese do conservadorismo britânico e norte-americano. Esta última priorizava a pureza doutrinária em relação à experiência religiosa.

Na conferência Mundial dos Cristãos Fundamentalistas em 1919 uma das intenções era estabelecer uma reação que recuperasse os caminhos do cristianismo ameaçado pela secularização e avanço da ciência.

⁵ Tradições observadas nos cinco primeiros livros do Antigo Testamento.

⁶ I – As escrituras do Antigo e Novo Testamento contém tudo que é necessário a salvação; II -O credo apostólico apresenta as declarações necessárias para salvação; III – Os sacramentos como batismo e eucaristia foram ordenados por Cristo e ministrados por ele. e IV – O episcopado histórico e adaptado a diferentes nações ou povos.

De uma maneira geral, o fundamentalismo considera importante a crença da época denominada o milênio tendo como base textos bíblicos se dividindo em dois grandes grupos: os pós-milenaristas e os pré-milenaristas.⁷

Mas um dos pontos de maior destaque sem dúvida é o da inerrância bíblica postulando que a palavra é a verdade sendo aplicado aos manuscritos originais. Considerando a origem de tais manuscritos sem possibilidade de veracidade ou falsidade, como os livros do pentateuco, por exemplo, a fé torna-se o elemento que determina a relação do indivíduo e o texto lido.

Se ocorrem relatos divergentes nos evangelhos estes não são considerados como contradições. Eles podem ser frutos da posição individual de cada autor. A bíblia apresentaria afirmações de natureza espiritual e não necessariamente científicas. Ela “é considerada a palavra de Deus” e não possui espaço para críticas de natureza acadêmica em sua interpretação. Quem utiliza algum método diferente como a crítica da forma, corre o risco de se “aproximar da heresia”.

Toda tradição religiosa que estivesse em desacordo com os princípios bíblicos poderia ser combatida seja por uma evangelização mais aplicada, de caráter proselitista nos cultos e sermões pastorais, seja na evangelização de pessoas que são “de fora da igreja” com panfletos e abordagens individuais.

Percebe-se em um primeiro momento, o fundamentalismo protestante rondando as fronteiras das denominações “históricas” como metodistas, batistas e presbiterianos⁸. Já que o problema era com a palavra escrita, a defesa da bíblia assumia um tom de combate em um mundo marcado pela secularização e a explicação científica.

3 O PENTECOSTALISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS

No caso específico do pentecostalismo o problema se apresenta de forma diferenciada uma vez que na experiência pentecostal há destaque demasiado para a terceira pessoa da Trindade: O Espírito Santo.

Quando os missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren defenderam falar em línguas estranhas e a presença dos dons originários do livro de Atos 2 foram

⁷ Os pós-Milenaristas acreditam que Cristo iria inaugurar seu reino quando o período denominado milênio chegasse ao fim. Os pré-milenaristas defendem uma posição contrária: Cristo antecede e inicia esse período de mil anos compreendido como período de justiça universal, visível e abrupto.

⁸ Além das agências paraeclesiais como Instituto Palavra da Vida instalado na cidade de Atibaia cidade próxima à capital paulista.

repreendidos pela liderança batista em Belém do Pará dando origem à dissidência assembleiana.

Mais tarde em 1946 quando a igreja do Evangelho Quadrangular chegou ao Brasil, um dos motivos da cisão ocorrida na segunda igreja Presbiteriana Independente do Cambuci, na capital paulista também envolveu os dons espirituais e a defesa da cura divina.

Em seus primeiros movimentos no Brasil, as igrejas pentecostais embora sempre usando a bíblia, abriram espaço para cultos mais “avivados” e com uma liturgia apresentando mensagens simples que chegassem a grande parte da população brasileira. Não atingiram inicialmente a classe dominante e a classe média.⁹

Nos cultos da Congregação Cristã no Brasil, fundada por Luigi Francescon, a glossolalia também apareceu como uma possibilidade na liturgia praticado por um ancião ou fiel da comunidade. Já a Igreja do Evangelho Quadrangular inovou o mundo evangélico quando introduziu instrumentos eletrônicos em suas reuniões como instrumentos elétricos e baterias além de suas populares tendas de lona.

Nas primeiras expressões do pentecostalismo como as pioneiras Congregação Cristã e Assembleia de Deus os dons do espírito, falar em línguas e revelações ganharam um espaço importante nos seus cultos assustando os protestantes históricos que se negavam a uma aproximação com os novos grupos.¹⁰

O mesmo se deu em uma segunda onda pentecostal em finais dos anos 1940 quando após a Igreja do Evangelho Quadrangular surgiram as igrejas Deus é Amor e O Brasil Para Cristo. No caso da Deus é Amor as revelações espirituais ganhavam cada vez mais destaque na voz aguda de seu líder David Martins Miranda que já promovia um tipo de luta espiritual contra o “mal” em suas reuniões de exorcismo e cura divina. Miranda combatia as chamadas “entidades espirituais” em seus cultos nominando-as como “demônios que deviam ser expulsos”.

⁹ O Protestantismo de Missão conseguiu atingir parte diminuta da classe dominante como no caso dos presbiterianos e em menor escala os metodistas na região de São Paulo e no interior paulista como Campinas, Brotas e Piracicaba. Também no Estado do Rio de Janeiro (algumas regiões como a capital) esta característica foi marcante. Dentre as igrejas da terceira onda pentecostal a Apostólica Renascer em Cristo avançou bem na direção da classe média alta.

¹⁰ Embora com tal distanciamento entre protestantes “históricos e pentecostais” muitos “mudaram de lado” como o caso de Geraldino Tavares, importante deputado da Igreja o Brasil Para Cristo, ex-metodista. Há também o exemplo de Raimundo Tavares, ex-pastor metodista que foi para a Igreja do Evangelho Quadrangular. Nos anos 1990 foi o exemplo do teólogo José Cabral de Vasconcelos, que atuou como professor pela Universidade Metodista de São Paulo e se tornou pastor da Igreja Universal do Reino de Deus.

Na Congregação Cristã não havia preocupação com as escolas bíblicas, típicas do protestantismo reformado e metodista. Como bem mencionou Francisco Cartaxo Rolim, os estudos e pregações eram dirigidos pelo Espírito Santo, sem necessidade de uma erudição acadêmica que pudesse apontar contradições no texto sagrado. (ROLIM, 1985)

Mesmo as chamadas igrejas “menores” na definição de Beatriz Muniz de Souza como Maravilhas de Jesus e Avivamento Bíblico, a valorização do Espírito Santo como atuante nos cultos encontrou forte defesa em suas lideranças. (SOUZA, 1969)

O caminho foi seguido até a eclosão da terceira onda pentecostal, muito mais midiática que a primeira e a segunda. Aí sim tornam-se necessárias algumas observações que apresentam contradições e cuidados.

Em 1977 foi fundada a Igreja Universal do Reino de Deus pelo antigo funcionário de casas lotéricas no Rio de Janeiro, Edir Bezerra Macedo que começou suas atividades em uma antiga funerária na Avenida Suburbana na zona norte carioca utilizando também um pequeno coreto para suas pregações em praça pública.

A respeito da “terceira onda pentecostal” o termo gerou inúmeros debates no meio acadêmico provocando em primeiro momento reações de autores como Antônio Gouveia Mendonça que considerou o termo inconsistente para uma possível classificação do pentecostalismo. (MENDONÇA, 1998)

Outros autores como Paul Freston optaram pelo termo “onda” como elemento diferenciador na árdua tarefa de mapear o pentecostalismo e compreender suas inúmeras divisões internas. As classificações ocorreram mais no âmbito das Ciências Sociais estabelecendo elementos balizadores para se compreender a diferença entre a teologia da Congregação Cristã e da Igreja Universal do Reino de Deus. Na primeira a ênfase nos exorcismos públicos é inexistente enquanto que na IURD tornou-se prática corrente com uma reunião específica na qual orações são proferidas para as pessoas em um dia da semana de elevado caráter simbólico para a sociedade brasileira devido as suas diversas matrizes religiosas: sexta-feira.

Embora com problemas a classificação por ondas auxilia no estabelecimento de critérios que estabeleçam características intrínsecas a cada grupo pentecostal que podem ser observadas desde sua origem histórica passando por suas doutrinas e práticas em um momento no qual os evangélicos apresentam um crescimento considerável em terras antes dominadas pela Igreja Católica.

De acordo com Freston, a terceira onda poderia ser concebida a partir da segunda metade dos anos 1970 tendo seu celeiro a cidade do Rio de Janeiro com os primeiros

passos da Igreja Universal em 1977 e três anos mais tarde com a fundação da Igreja Internacional da Graça de Deus pelo Missionário Romildo Soares. (FRESTON, 1994)

A terceira onda¹¹ apresentou elementos inovadores como o uso da teologia da prosperidade e a defesa da guerra espiritual. De certa forma as igrejas que surgiram após meados dos anos 1940¹² já seguiam o caminho de um possível “confronto com a cultura brasileira” não enfatizando a teologia da prosperidade.

Algumas delas como a Deus é Amor até repreendiam seus fiéis quanto às atividades consideradas “mundanas” com regras restritivas aos seus membros no uso de roupas e vida social. No caso da Deus é Amor o rádio foi uma de suas grandes estratégias criando a cadeia “Voz da Libertação” ao adquirir emissoras falidas que formavam uma espécie de “pool” nas transmissões realizadas do gigantesco templo na Avenida do Estado comprado nos anos 1980.¹³

David Miranda investiu recursos na aquisição de emissoras de rádio buscando atingir um público em constante movimento migratório em busca de melhores condições de vida na capital do estado mais rico da federação. Sua linguagem mais simples, com expressões populares e suas entrevistas com pessoas que apresentassem problemas “espirituais” tornaram-se estratégias conhecidas que antecederam o terreno para aquilo que Leonildo Silveira Campos denominou de práticas iurdianas. (CAMPOS, 1997)

O sociólogo Ricardo Mariano percebeu as mudanças que se passavam no interior do pentecostalismo e seguiu apontando a necessidade de uma classificação mais profunda. Adotou assim uma divisão que pode ser compreendida em pentecostalismo clássico, seguido pelo deuteropentecostalismo e neopentecostalismo.(MARIANO, 1999)

Quando ocorreu a terceira onda pentecostal no final dos anos 1970 a sociedade brasileira encaminhava esforços em direção ao processo de redemocratização. Havia também um novo contexto histórico e social com maior presença da população em solo urbano, melhor espaço político para personagens exilados após o golpe de 1964 e a eleição de Fernando Collor de Melo em 1989 quando este enfrentou uma liderança originária do movimento de metalúrgicos estabelecida no ABC paulista: Luis Inácio Lula da Silva.

¹¹ Outras igrejas surgem neste período como Renascer em Cristo do Apóstolo Estevam Hernandez e Comunidade Sara Nossa Terra sob a liderança do Bispo Robson Rodovalho. Vamos adotar Igrejas da Terceira Onda já que o debate sobre classificação do pentecostalismo foge da temática proposta.

¹² Igrejas da Segunda Onda Pentecostal como Quadrangular, Deus é Amor e Brasil Para Cristo.

¹³ Homens e Mulheres devem usar roupas consideradas “decentes” que não provoquem escândalo.

A terceira onda pentecostal também buscou se reforçar na atividade política lançando candidatos para pautar seus interesses uma vez que com a redemocratização o debate se alicerçava em torno do espaço parlamentar nas discussões que contribuíram para Constituição de 1988.¹⁴

Nesta etapa as novas vertentes pentecostais buscaram na televisão o meio para atingir as massas urbanas, não se esquivando totalmente do rádio. Em um primeiro momento faziam suas concentrações mostrando as sessões de exorcismo. Na televisão o espectador “vê a imagem” e ouve o “som”. Ele tem acesso a fala dos fiéis dando testemunho de sua vida antes de se converter e “após” sua adesão.

Em 1989 a IURD adquiriu a concessão da TV Record de São Paulo iniciando mudanças em sua grade de programação e incluindo programas religiosos nos vários horários. Um destes programas foi denominado “25ª Hora” onde um grupo de bispos da Igreja Universal se reunia para discutir temas relacionados a sociedade brasileira e faziam orações pelos telespectadores que ligassem aos telefones citados durante a programação.

Nas transmissões de reuniões foi possível perceber um elemento de diferenciação em relação às duas primeiras ondas pentecostais. O espaço teológico ocupado pelo Espírito Santo foi mantido com outra roupagem. Há o momento de “busca” com orações coletivas sendo permitido o fenômeno da glossolalia. Mas em relação aos dons de revelação e profecia típicos da segunda onda a reprovação de sua adoção foi constante.

O bispo Paulo Roberto Guimarães, um dos primeiros auxiliares de Edir Macedo declarou que as igrejas deveriam ter cuidado com o “espiritismo evangélico” já que a revelação da mensagem seria feita somente pela leitura da Bíblia¹⁵. O mesmo caminho foi seguido depois pelo Apóstolo Valdemiro Santiago e por Romildo Soares que investiu também em televisão patrocinando um canal por assinatura, a Nossa TV permitindo a veiculação apenas de conteúdo “evangélico e não prejudicial à moral cristã”.

O pentecostalismo de terceira onda começou a enfrentar suas primeiras cisões. Além da Igreja Mundial do Poder de Deus surgiram novas expressões como a Igreja Apostólica Plenitude de Deus, do apóstolo Agenor Duque. Após passar por Universal e Mundial do Poder de Deus, Duque inseriu em suas reuniões revelações e visões

¹⁴ A Igreja do Evangelho Quadrangular tinha dois deputados federais entre o grupo que redigiu e apoiou a nova constituinte em 1988 como Mário de Oliveira que seria presidente da IEQ e Jayme Paliarim eleito no estado de São Paulo.

¹⁵ Tal expressão foi utilizada no programa 25ª. Hora da TV Record sobre a convivência com outras expressões evangélicas. Guimarães atualmente é o bispo responsável pela IURD na Espanha.

estabelecendo maior vínculo com os movimentos da segunda onda. Mas adotou a teologia da prosperidade e a batalha espiritual em sua denominação.¹⁶

4 A BATALHA ESPIRITUAL E A FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA

A teologia da Batalha Espiritual tem sido utilizada de forma frequente na terceira onda e nas subdivisões que surgiram já no final dos anos 1990. Porém de uma forma diferenciada tal teologia foi ganhando espaço entre os evangélicos e as novas expressões sendo que algumas delas tiveram a liderança feminina como destaque.

Neusa Itioka apareceu neste cenário como grande preleitora e pregadora, além de escrever livros sobre o tema e uma espécie de “manual de libertação”. Os escritos de Itioka apresentam uma maior erudição em função de sua formação teológica e estudos complementares.

Segundo esta autora “vivemos num mundo de conflitos”, uma intensa batalha é travada em nosso interior. “Estamos inseridos nas tentações de um mundo doentio, ao mesmo tempo, temos a promessa de estarmos inseridos na família de Deus”. (ITIOKA, BAETA, RIBEIRO, 2020)

A maior parte de suas proposições estão fundamentadas em textos bíblicos apontando para uma proximidade muito importante que será sentida neste novo momento do pentecostalismo. A possibilidade da interpretação da escritura como etapa superior ou pelo menos em harmonia com os chamados dons do espírito.

Na pregação evangélica presente nas várias denominações pentecostais o ideal é que o cristão tenha uma negação de suas vontades, já que para Itioka na cruz, “morremos para o eu: o orgulho, a confiança própria, a justiça própria, morremos para áreas emocionais doentias.”(ITIOKA, BAETA, RIBEIRO, 2020).

Diferente dos exorcismos de David Miranda irradiados “ao vivo” pela Rádio Universo de Curitiba e com elevado apelo popular existe uma maior justificativa intelectual e teológica ao apresentar uma interpretação a respeito da guerra que o cristão evangélico enfrentaria em um mundo marcadamente competitivo e secularizado.

A sociedade sob influência do capitalismo inventou novas formas de lazer. A este respeito Nicolau Sevcenko observa o nascimento da indústria do entretenimento nos Estados Unidos no final do século XIX destacando novas formas de diversão

¹⁶ A Igreja Mundial do Poder de Deus foi fundada em 1998 na cidade de Sorocaba por um dissidente da Igreja Universal: O Apóstolo Valdemiro Santiago que exerceu seu trabalho como bispo da IURD na África. A Teologia da Prosperidade se originou da Confissão Positiva desenvolvida nos EUA.

representadas pelo cinema e pela montanha russa. Estava se iniciando a era dos grandes parques temáticos que mais tarde sofreriam a concorrência do mundo Disney.(SEVCENKO, 2001)

Além disso, Sevcenko considera a televisão a “grande criação do século XX” que passa a servir como alternativa de entretenimento com programas de auditório, filmes e novelas. Homens e mulheres do século XX possuem alternativas para se divertir. Não estão totalmente sob o domínio da religião e novas tendências e comportamentos ganham espaço quando se aproxima dos anos 60.

A contracultura e as mensagens da indústria cultural agem em concorrência com a moralidade pregada no pentecostalismo americano e no brasileiro. Teólogos conservadores consideram que os “valores do mundo” estariam entrando na igreja e levando o ser humano a perda da salvação.

O que se percebe é um sentimento mais hedonista, onde marcas famosas e novas formas de diversão e lazer surgem como alternativas rompendo de vez o monopólio do sagrado sem porém lhe dar um golpe fatal.¹⁷ A religião se reinventa utilizando os mesmos meios que veiculam notícias e mostram as “novidades do mundo da moda e da vida de atores e atrizes, além de personalidades das artes e nos diversos setores da atividade humana”.(SEVCENKO, 2001)

Mais do que nunca no final do século XX o ser humano tem novos caminhos para seguir o que provoca espanto e reações provenientes do mundo religioso. O problema é que tais alternativas no consumo não se estendem a todos setores da sociedade. E no caso brasileiro torna-se pior com a brutal desigualdade social que se manifesta no crescimento das grandes cidades.

Bairros “nobres” se contrapõem às comunidades mais pobres que vão surgindo com milhões de moradores onde a violência, o tráfico de drogas e a ausência do Estado são notadas pela população que procura lutar pela sobrevivência. A vida urbana é marcada por sua dificuldade, falta de controle e incertezas.

Em toda esta sociedade caótica e competitiva, aparecem novas teologias que propõem um cenário de luta espiritual já que bíblicamente o mundo em tese para elas

¹⁷ No mundo capitalista do consumo a pessoa é avaliada pela marca da roupa que ela veste indicando uma identificação rápida e superficial. Ou pelos acessórios como posse de aparelhos celulares, roupas ou carros caros. A essência do “ser” perdeu seu espaço para a falsa essência de “ter” algo valorizado pelo mercado. No Brasil a televisão atingiu seu clímax nos anos 80 e 90 com telenovelas, jornais e programas de auditório. A publicidade na televisão brasileira foi importante para atingir novos consumidores potenciais.

pertence ao “maligno”. Então como o fiel deve viver nesse mundo? Segundo Itioka em batalha constante contra as forças do mal.

No caso do pentecostalismo da terceira onda a interpretação foi literal embasada nas passagens bíblicas. Para Leonildo S. Campos o mundo é considerado uma arena, onde ocorre a luta entre Deus e o Diabo, com seus exércitos de anjos caídos. No meio desta guerra está o ser humano com sua adesão sendo disputada pelos dois lados. (CAMPOS, 1997).

O que seria o mal? Ele estaria personificado nos demônios que devem ser amarrados mesmo que no início das reuniões. A Igreja Universal foi desenvolvendo uma melhor estratégia na busca de mais adeptos criando uma reunião específica para tal finalidade: a Sessão do Descarrego. Nela os pastores (titulares ou auxiliares) travam uma verdadeira batalha porque os “demônios podem entrar em qualquer um”, incluindo animais.

“Nos cultos neopentecostais, entre eles os da Igreja Universal, “amarrção de demônios”, é uma atividade constante, porque são vistos com entidades, rebeldes, que estão sempre escapando dos laços do exorcista. Por isso é preciso constantemente colocar os demônios sob os pés, “pisá-los com energia”.(CAMPOS, 1997, p.336)

Pastores e obreiros fazem oração com imposição de mãos sobre as pessoas que sintam algum desconforto e em caso de possessão eles perguntam qual o “nome da entidade” e o que ela está fazendo “naquela vida”. Tem início uma guerra cósmica nas reuniões do descarrego e quando ocorre uma conversão ela é destacada como uma vitória decisiva de Deus sobre o mal. Ainda segundo Campos, o exorcismo se torna uma porta de entrada para obtenção de uma vida saudável. Se não ocorrer a libertação o fiel ou simpatizante “continuará oprimido. (CAMPOS, 1997)

O embate entre os pastores e os espíritos considerados opressores ocorre em um cenário de orações e luta entre o “bem e o mal”. Dessa maneira a possessão-despossessão se inscreve dentro de um quadro conceitual próprio de guerra. Deus estaria em uma posição e satanás assumiria outra oposta estabelecendo um “reino maligno” que de acordo com a IURD estaria sendo derrotado em virtude de sua expansão.(CAMPOS, 1997)

Nas reuniões específicas para a libertação espiritual os pastores se voltam para os membros que estão presentes no templo e muitas vezes solicitam que estendam suas mãos para ajudar na libertação do suposto oprimido. Com a pessoa exorcizada existe depois

toda uma explicação para que ela passa a fazer parte de sua membresia aceitando o batismo nas águas e frequentando regularmente os cultos.

O que algumas igrejas da terceira onda pentecostal fizeram foi diminuir o espaço para os dons como revelações e profecias para assegurar maior importância na leitura bíblica como reforço em suas campanhas. A leitura da bíblia torna-se importante como elemento norteador. Ela que fornece o fundamento para os atos praticados no culto.

5 VIOLÊNCIA E SUAS RELAÇÕES SIMBÓLICAS

A violência pode ser considerada como um fenômeno social existente em todas as sociedades assumindo formas variáveis. Mas em primeiro momento pode ser concebida como qualquer agressão física exercida contra seres humanos buscando lhes causar, dano, dor ou sofrimento. Também atos contra outros seres vivos podem ser considerados como violência.

Na transformação das sociedades o termo foi assumindo maior amplitude não se limitando apenas aos aspectos físicos mas como várias formas de imposição sobre a vida. Ela pode ser definida como alguma relação de força imposta por um indivíduo a outro.

Em muitos aspectos a intencionalidade ocupa um lugar importante na definição de violência o que torna o termo complexo. Na biologia, e nas atividades médicas a dor pode surgir em função de intervenção cirúrgica mas a finalidade é produzir o bem estar do paciente.

De uma forma contrária o ato de tortura é concebido como violento uma vez que a intencionalidade, o objetivo de quem está praticando é obter algum tipo de benefício com o sofrimento de sua vítima. Seria uma forma aguda de provocar dor.

Já no contexto de uma guerra o ato de lançar bombas visando em primeiro momento a “destruição material ou de bases inimigas” não isenta a possibilidade de que no espaço onde tais artefatos serão jogados existam seres humanos que fatalmente serão atingidos.

As diferentes sociedades desenvolvem sua base de questionamentos com novos pressupostos para a convivência em grupo e a elaboração de leis e normas assume uma função essencial para seu funcionamento. Daí se pensar em violência ilegal e violência autorizada pelo aparato coercitivo, policial.

Em muitos casos a violência é executada por pessoas treinadas seguindo critérios estabelecidos por alguma autoridade não se sentindo responsáveis pelas ações desencadeadas levando a um conformismo isento de culpa.¹⁸

Também existem outras formas de provocar danos que resultem em dor e morte. Uma determinada política governamental que possa ser executada de forma deliberada ou mesmo consciente pode assumir contornos de violência.

Para Hobbes o homem pode ser considerado um animal violento porque possui dificuldades quanto ao seu “estado de natureza”. Segundo Hobbes o Estado soberano deveria ser forte para que os contornos naturais e violentos do ser humano fossem regidos pelo regramento forte. O poder do Estado deve ser exercido pela força pois diante da possibilidade de castigo os homens ficam atemorizados.¹⁹

Já para Marx pensando no século XIX a violência do ser humano é provocada pela desigualdade quanto ao acesso aos chamados meios de produção. O trabalhador vende sua força de trabalho recebendo salários bem menores em relação ao tempo necessário para produção de utensílios. Desta maneira a violência se apresenta como contrária ao processo de cooperação levando a vida em sociedade ao seu limite.

No trabalho desenvolvido por Michel Foucault a violência passa a ser visualizada sob novos contornos. Ela é considerada em sua forma de punição legal levando em consideração a criminalidade da Europa em sua transição para a modernidade (FOUCAULT, 1987). Foucault observa que a violência passa de sua forma física para uma disciplina de comportamentos e corpos se materializando nas prisões onde os apenados tinham o seu corpo controlado e seu comportamento também. O termo violência se ampliou estendendo-se ao conjunto da vida civil permitindo se estudar “as formas de violência impostas pela vida do trabalho e pela vida econômica, pelas instituições de repressão. (BURGUIÈRE, 1993).

Além das definições relacionadas à violência física existe também a possibilidade da violência simbólica proposta por Pierre Bourdieu considerando que as relações mesmo que brutais, assumem um contorno de simbólicas que podem levar a atos de obediência.

Assim as instituições buscam formas de afirmar o seu capital simbólico que acaba se revertendo em violência como por exemplo na exposição de princípios tidos como

¹⁸ Como no caso da Segunda Guerra Mundial quando soldados nazistas executavam seus inimigos seguindo ordens de seus superiores.

¹⁹ Por isso defendia o Absolutismo como capaz de forçar uma vida em sociedade com elevada capacidade coercitiva.

universais considerados de “todos” ao mesmo tempo desqualificando definições e interesses dos demais grupos de uma mesma sociedade.

De um lado ficam os representantes dos desejos, sentimentos e valores de toda sociedade e de outro, aqueles considerados como despojados de legitimidade moral, grupos específicos, particulares e por isso pouco representativos.

Na violência simbólica, o dominado é impelido a conceder ao dominante porque recursos e instrumentos de que dispõe para pensar suas relações constituem os mesmos para os dois lados, resultado de uma dominação a qual esconde o seu caráter arbitrário de poder. (ROSADO NUNES, CITELLI, 2010)

O poder simbólico é exercido com a colaboração de seus subordinados e sua magia estabelece atos de reconhecimento da fronteira entre dominados e dominantes. Os primeiros aceitam os limites impostos. A dominação simbólica é realizada sob pressão e aceita por meio do reconhecimento.

Seu efeito ideológico consiste na “imposição de sistemas de classificação políticos sob a aparência legítima de taxonomias filosóficas, religiosas, jurídicas, etc. As relações de força que neles se exprimem só se manifestam em forma irreconhecível de relações de sentido. (BOURDIEU, 2010, p.14)

A dominação simbólica resulta de um processo presente nas estruturas sociais e nas mentais e corporais adaptadas de forma que os agentes não percebem como resultado de atos repetidos lhe fornecendo a aparência de natural.

No caso da noção de guerra santa o discurso do pentecostalismo da terceira onda tem dentre seus vários objetivos, demonizar as entidades das religiões afro-brasileiras, algo que já foi realizado anteriormente pelo conservadorismo católico. Como o poder simbólico possui relações com uma rede de comunicação para se enraizar ele se desenvolve em várias direções.

Em um primeiro momento na palavra pregada e nos atos de culto. No momento das orações de intercessão e busca por libertação. É muito comum em plena oração de libertação o pastor repreender uma entidade específica falando seu nome.

Em um segundo momento utilizando mídias para sua exposição de ideias como rádio e televisão e internet. A demonização sendo repetida várias vezes provoca uma ideia errada de “naturalização” do que é considerado mal, no caso as entidades e símbolos religiosos que fazem parte do panteão afro-brasileiro.

Até os anos 1990 alguns grupos da terceira onda tinham suas mensagens marcadas por um elevado teor anticatólico até o evento conhecido desencadeado pelo Bispo Sérgio

Von Helder da Igreja Universal quando em pleno feriado nacional de 12 de outubro desferiu chutes a uma imagem da Padroeira do Brasil. O episódio foi repetido exaustivamente pela Rede Globo, provocando grande comoção no Brasil.

Em função da repercussão nacional, o Bispo Edir Macedo fez um pedido de desculpas a todos os católicos brasileiros considerando a atitude de Von Helder como “de um menino na fé”. Mesmo os católicos não-praticantes sentiram-se ofendidos e uma onda de reação foi observada em todo o Brasil.

A partir daí os ataques ao catolicismo foram diminuindo e redirecionados as religiões afro-brasileiras de forma a acentuar seu caráter considerado negativo. Portanto o que se observa é um confronto entre os pobres das igrejas da terceira onda pentecostal com os pobres das religiões afro-brasileiras. Disputas ocorrem no interior do campo religioso como definiu Bourdieu “quando indivíduos ou instituições podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio dos bens de salvação e exercício do poder religioso”.(BOURDIEU, 1992, p.57).

Quando pastores e missionários neopentecostais anunciam em seus programas uma cruzada contra as “artimanhas” das entidades presentes nas religiões afro-brasileiras eles podem contribuir para a criação de uma atmosfera contrária aos seguidores de tais religiões.

Não se pode desconsiderar que a sociedade do século XXI possui grande relação com a mídia em suas mais variadas formas, o que confere a comunicação um status importante na veiculação de mensagens e concepções de mundo. A demonização enfatizando a luta entre o “bem e o mal” repetida inúmeras vezes pode contribuir para o acirramento de práticas teológicas da “teoria para realidade”.

Para o fiel que pertence as fileiras das igrejas pentecostais da terceira onda a mensagem que se passa é que toda sorte de males e dificuldades que assolam seu cotidiano é resultado da prática de pais e mães de santo a serviço do mal. O problema surge quando pensando em cumprir a justiça divina agressões ou mesmo destruição de locais e símbolos sagrados das religiões afro-brasileiras se transformam no caminho a ser seguido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pentecostalismo brasileiro continua passando por transformações importantes com novas divisões e grupos que surgem todos os dias. Destes novos contingentes a grande maioria não consegue prosperar para grandes expressões nacionais como a Igreja Universal ou Internacional da Graça de Deus.

Em primeiro lugar porque a concorrência entre os grupos é demasiada intensa. Em segundo lugar porque as novas expressões acabam se tornando experiências regionais, localizadas, circunscritas a um território mais limitado como cidade ou estado.

Uma das questões importantes envolvendo a nova etapa de crescimento pentecostal é a aproximação entre o fundamento dado pela interpretação literal da bíblia e a ideia de guerra espiritual.

A experiência neopentecostal tem como método apresentar os “resultados na prática”. O problema muitas vezes é como o discurso de guerra chega aos membros que estão ouvindo as preleções pastorais. A posição dos líderes pode exercer influência em seus seguidores na tentativa muitas vezes desesperada em negar seu passado “pecaminoso” e acenar para uma vida nova sem limitações.

E aí o risco da interpretação literal se transformar em uma atitude radical é muito grande. A grande dificuldade se expressa quando se transfere a ideia bélica concebida em plano espiritual e ela se transforma no plano material com ataques e ameaças aos praticantes de outras religiões como as afro-brasileiras.

REFERÊNCIAS

ANTONIAZI, Alberto. et al. *Nem Anjos, Nem Demônios. Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano. As Cidades do Século XIX*. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH: Editora Marco Zero, 1984-85. Vol. 5, n. 8/9

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sônia Miceli e Wilson Campos Vieira. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *O Poder Simbólico*. Tradução. Fernando Thomaz. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BURGUIÈRE, André (Org). *Dicionário das Ciências Históricas*. Tradução. Henrique de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, Templo e Mercado. Organização e Marketing de um Empreendimento Neopentecostal*. Petrópolis: Vozes. São Paulo: Simpósio: Universidade Metodista de São Paulo. 1997.

FRESTON, Paul. *Breve História do Pentecostalismo*. In: ANTONIAZZI, Alberto. et. al. *Nem Anjos, Nem Demônios. Interpretações Sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. P.57-159

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir. O Nascimento da Prisão*. Tradução. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

ITIOKA, Neuza; BAETA, Thiago; RIBEIRO, Ana. *Cura Interior e Batalha Espiritual*. 2. ed. São Paulo: EDITORAMAR, 2020.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais. Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1992.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Pentecostalismo e as Concepções Históricas e sua Classificação*. In: SOUZA, Beatriz Muniz. et al. *Sociologia da Religião No Brasil*. 1. ed. São Paulo: PUC:UMESP:SIMPÓSIO, 1998. v. 1. p. 1-11.

ROSADO NUNES, Maria José F. CITELI, Maria Teresa. *Violência Simbólica: a Outra Face das Religiões*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2010.

ROLIM, Francisco C. *O que é Pentecostalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. *A Corrida Para o Século XXI. No Loop da Montanha Russa*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

SOUZA, Beatriz. *A Experiência da Salvação. Pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

THOMAS, Keith. *A Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Cia das Letras, 1991